

FOLCLORE MUSICAL BRASILEIRO

FOLCLORE

Folclore é um gênero de cultura de origem popular, constituído pelos costumes e tradições populares transmitidos de geração em geração. Todos os povos possuem suas tradições, crenças e superstições, que se transmitem através de lendas, contos, provérbios, canções, danças, artesanato, jogos, religiosidade, brincadeiras infantis, mitos, idiomas e dialetos característicos, adivinhações, festas e outras atividades culturais que nasceram e se desenvolveram com o povo.

A atual **Carta do Folclore Brasileiro** (1995), em sintonia com as definições da UNESCO, declara que folclore é sinônimo de cultura popular e representa a identidade social de uma comunidade através de suas criações culturais, coletivas ou individuais, e é também uma parte essencial da cultura de cada nação.

FESTAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS

As festas folclóricas brasileiras agrupam-se em torno de quatro datas principais, todas elas de origem religiosa:

Natal – O advento de Jesus é comemorado de maneira mais ou menos igual em todo o País e em alguns lugares com folguedos populares como o Reisado e as Pastorais. A data de 25 de dezembro foi escolhida provavelmente no intuito de cristianizar as festividades pagãs que os vários povos celebravam por altura do solstício de Inverno.

Carnaval - considerado a maior festa popular do país, surgiu a partir da implantação, no século XI, da Semana Santa pela Igreja Católica, antecedida por quarenta dias de jejum, a Quaresma. A palavra "carnaval" está, desse modo, relacionada com a idéia de deleite dos prazeres da carne marcado pela expressão "*carnis valles*". Na Roma antiga, no período equivalente ao Carnaval todas as atividades e negócios eram suspensos neste período, os escravos ganhavam liberdade temporária para fazer o que em quisessem e as restrições morais eram relaxadas. No Brasil o Carnaval foi introduzido no s. XVIII, sob o nome de "entrudo". O Carnaval moderno, feito de desfiles e fantasias, é produto da sociedade vitoriana do século XIX.

Festas Juninas - comemoram os santos católicos João Batista, Antônio e Pedro, são possivelmente uma herança de antigas tradições agrícolas pagãs. São comemoradas sobretudo no Nordeste, com a realização de quadrilhas, fogueiras e a tradicional cozinha típica. Se tornou muito disseminada, a partir da década de 1930, por forte influência do projeto nacionalista de Getúlio Vargas, a caracterização do público como caipiras, devendo ocorrer em algum momento a encenação de um casamento caipira.

Divino Espírito Santo – foi um desenvolvimento germânico da festa romana Floralia, que celebrava a renovação da vida na primavera. No século XVII a Festa do Divino já era comemorada em todas as colônias portuguesas, com muitas variantes. Vários rituais compõem a festa, que simbolizam relações de classe e onde se perpetuam valores coletivos. É comemorado principalmente em Minas Gerais e Goiás.

DANÇAS DRAMÁTICAS

Freqüentemente interligadas, muitas formas musicais do folclore brasileiro, seja puramente de instrumento ou com canto, são ritmos de dança. Um dos elementos comuns a muitas danças folclóricas brasileiras é o cortejo originário de uma mistura das procissões jesuíticas e também dos cortejos africanos.

Cheganças - executadas em cenário que representa uma grande embarcação e com muitos participantes, têm como tema principal as lutas marítimas e são uma herança cultural das guerras dos cristãos portugueses contra o invasor mouro. São exemplos a **marujada** ou **fandango**, e a **chegança de mouros**, que é a chegada propriamente dita. Utiliza conjunto musical com surdos e taróis.



Folia-de-Reis - São músicos que, imitando os Três Reis Magos, saem à noite, entre os dias 24 de dezembro e 2 de fevereiro, cantando e louvando o nascimento do Menino Jesus, acompanhados de multidão e às vezes outros personagens, como o Louco, o Juiz, palhaços e porta-estandartes, e pedindo esmolas. Suas cantigas evocam e parafraseiam os textos e eventos bíblicos referentes a estas datas. Tocam violão, cavaquinho, pandeiro e pistão à porta das casas, despertando os moradores. Comum na Região Sul e nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Reisados - Executado na véspera do Dia de Reis e consiste em uma adaptação coreográfica dramatizada de antigos romances e cantigas populares. Tiveram origem nas festas portuguesas denominadas janeiras, que no Brasil se celebravam, até o final do século XIX, desde o Natal até o carnaval. O acompanhamento instrumental do reisado compõe-se de foles (sanfona ou harmônica), adufes, caixa de guerra ou zabumba. No Brasil, a região em que mais se difundiu foi o Nordeste, principalmente a Bahia. O Bumba-meu-Boi é a dança mais conhecida e popular.

Bumba-meu-boi –

Representação da vida, morte e ressurreição de um boi, representado por uma armação leve, recoberta de pano e animada por um homem em seu bojo. Mais rico no Maranhão, originado no século XVIII, porém aparece em várias localidades brasileiras e toma várias denominações. Recebe, na região amazônica, o nome de Boi-Bumbá e Boi-de-Mamão do litoral de Santa Catarina. Usa-se a sanfona, violão, rebecca,



cavaquinho, gaita e instrumentos de percussão. É festejado no Natal, porém o Boi-Bumbá exibe-se na época de São João, principalmente em Parintins (AM), onde a festa realiza-se no Bumbódromo, um estádio com 35 mil lugares construído especialmente para o evento.



Cavallhada - Na Idade Média a aristocracia exibia em combates individuais (a justa) e em combates coletivos (o torneio) a sua perícia, destreza e valentia. Estas atividades desportivas dos nobres a cavalo, reviviam os combates dos gladiadores nos circos romanos. E tinham uma finalidade: a preparação para a cavalaria. A parte religiosa ou dramática, cheia de ostentação

representa uma luta entre cristãos e mouros, sendo estes infiéis batizados pelo rei cristão.

A Cavallhada brasileira, no passado, constituía-se numa grande festa da qual participavam os grandes senhores da terra, os fazendeiros que podiam apresentar os animais ricamente vestidos. Era uma festa de sedas e veludos. Poucas cidades brasileiras conservam a Cavallhada com o mesmo esplendor de antigamente, entre elas Montes Claros (Minas Gerais).

Congadas - É um auto de origem africana, que relembra a Coroação dos Reis do Congo aos moldes da Monarquia Portuguesa. Seu nome varia de acordo com a região: no Norte, por exemplo, é conhecida como Congo; no Sul, como Congada. Foi usada pelos jesuítas na obra de conversão, da catequese e é dedicada aos padroeiros São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, e Santa Efigênia. Mostra a luta do Bem com o Mal. Usa-se a viola, o ganzá (reco-reco), caixas e tambores. No Espírito Santo se chama Ticumbí.

Maracatu - Dança muito praticada em Pernambuco, de origem afro-brasileira, representa um desfile em homenagem a um rei africano. O séquito real sai pelas ruas no carnaval divididos em “nações”, sinônimo popular para grandes grupos homogêneos. Os participantes improvisam as danças, sem coreografia determinada, e o conjunto é composto por um rei e uma rainha, príncipes, damas, embaixadores, índios emplumados e dançarinas vestidas de baianas. Na forma tradicional, os cantos do maracatu ficam a cargo do tirador e do coro, e as melodias são acompanhadas de um conjunto de percussão, com tambores, chocalhos e agogôs.



Moçambiques - De origem africana aproveitada na catequese, se dança no Brasil central e, em particular, em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. O canto é um louvor a São Benedito e para dançar usam bastões de madeira, que são batidos como espadas.

Usa-se o tarol (caixinha de guerra), reco-reco, pandeiros, rabeca, tamborins, violas. O ponto maior da presença do Moçambique é no Vale do Paraíba do Sul, em São Paulo. No Santuário de Aparecida do Norte, praticamente todos os domingos, os romeiros, chamados piraquaras, dançam o Moçambique, cumprindo promessas.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES DO FOLCLORE MUSICAL BRASILEIRO



Capoeira - Herdada dos africanos, tem sua própria música usando o berimbau, pandeiro, caxixi e palmas. Os participantes formam um semicírculo e dois deles, no centro, desfecham golpes rápidos e ritmados entre si, usando apenas as pernas, pés, calcanhares e cabeças, sem utilizar as mãos.

A homogeneização dos povos africanos e seus descendentes no Brasil sob a opressão da escravidão foi o catalisador da capoeira. Há registros da prática da capoeira nos séculos XVIII e XIX nas cidades de Salvador, Rio

de Janeiro, e Recife, porém durante anos a capoeira foi considerada subversiva, sua prática era proibida e duramente reprimida. Devido a essa repressão, a capoeira praticamente se extinguiu no Rio de Janeiro, onde os grupos de capoeiristas eram conhecidos como maltas, e em Recife, onde segundo alguns a capoeira deu origem à dança do frevo.

Em 1932, Mestre Bimba fundou a primeira academia de capoeira do Brasil em Salvador. Mestre Bimba acrescentou movimentos de artes marciais e desenvolveu um treinamento sistemático para a capoeira, estilo que passou a ser conhecido como Regional. Em contraponto, Mestre Pastinha pregava a tradição da capoeira com um jogo matreiro, de disfarce e ludibriação, estilo que passou a ser conhecido como Angola. Da dedicação desses dois grandes mestres, a capoeira deixou de ser marginalizada, e se espalhou da Bahia para todos os estados brasileiros.

Maculelê - Representa uma luta em que os homens, providos de um bastão ou facão, os cruzam fazendo uma batida que obedece ao ritmo marcado pelo acompanhamento musical do agô. É comum na Bahia.

Frevo - Representa o Carnaval Pernambucano. O povo sai às ruas e dança freneticamente ao som da banda, sempre segurando uma sombrinha bastante enfeitada. Sua música é inspirada num misto de marcha rápida e polca. Seu nome é derivado da idéia de fervura, ou "frevura", na fala popular. Entre os passos mais praticados figuram o parafuso, chã-de-barriguinta, corruptio, dobradiça, saca-rolha e tesoura.

Coco - É muito dançada nas praias do Norte e do Nordeste, principalmente em Alagoas. Mistura os batuques africanos com as marcações dos bailados indígenas dos Tupis da Costa. Faz parte do ciclo junino, porém é dançado, também, em outras épocas do ano. O Coco é guiado por um canto especial, palmas rítmicas dos componentes, ganzá, candeiros e cuícas.

Danças de Quadrilhas - De origem portuguesa, comemora os dias de São João, 24 de junho, de Santo Antônio, 13 de junho e de São Pedro, no dia 29. É uma dança de salão, bem movimentada, em que os pares se dispõem em fileiras opostas. Consta de cinco figuras e cada uma destas é definida por um nome francês: "Pantalon", "Été", "Poule", "Pastourelle" e "Boulangère". Chegou ao Brasil no começo do século XIX e já era bastante popular, no Rio de Janeiro, na época da regência. A forma de quadrilha mais praticada no Brasil é a quadrilha caipira, surgida no interior de São Paulo, e na qual os participantes se caracterizam como caipiras, com roupas remendadas, saias rodadas e chapéus de palha. A dança termina, em geral, com uma alegre cerimônia de casamento.

Pastoris - São danças e cantos que homenageiam ao Deus Menino, trazidos ao Brasil pelos jesuítas no século XVI. Manifestação folclórica característica do Nordeste brasileiro, em geral se desenvolve em frente de um Presépio (quando são chamadas de lapinha) ou em tablados, em praça pública durante as festas de fim de ano. Os personagens, entre eles a mestra, a contramestra, a cigana e a borboleta, se distribuem em dois cordões, o azul e o encarnado, cores de Nossa Senhora e de Jesus Cristo, respectivamente.

Caboclinhos - De origem indígena, tem o número de participantes que varia conforme a região. Um grupo de homens e mulheres, com cocares e saias de penas de avestruz e pavão e adereços nos braços, tornozelos e colares, desfilam em duas filas fazendo evoluções das mais ricas, simulando estar em guerra. Típica de Minas Gerais e do Nordeste do Brasil.

Catira - Música e dança executada apenas por homens. As cantorias são um tipo de moda de viola entoada por dois violeiros com temas enfocando o dia-a-dia, trabalho, amores, saudades, lugares, etc. Compõe-se de palmas e sapateios ritmados. Os participantes a executam, dispostos em duas fileiras uma em frente à outra, formando pares. Comum na Região Sudeste do Brasil.

Cateretê - De origem indígena, é um sapateado executado com bate-pé ao som de palmas e violas. Pode ser dançado só por homens ou só por mulheres. Comum no Nordeste e nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

Batuque - De origem africana, do ritual da procriação, muito reprimida pelos padres durante o Brasil Colônia. É muito popular em algumas cidades do interior de São Paulo, nas Festas do Divino Espírito Santo, ou nas Festas Juninas. Uma fileira de homens fica ao lado dos tocadores e as mulheres ficam a uns 15 m de distância. Então, começa a dança, com cada homem dando três umbigadas numa mulher.

Caiapó - É uma dança de influência indígena que aparece em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Desenvolve-se em torno da morte de Curumim, menino índio atacado pelo homem branco. O Pajé para ressuscitá-lo põe em ação suas artes mágicas, com baforadas de fumo e exuberante mímica, obtendo sucesso. É um drama em palavras, sem música, apenas com o ritmo para acompanhar os passos. Tem um número total de dez ou doze elementos. Usam roupas imitando índios.

Chula - Dança folclórica de influência espanhola, se caracteriza pela disputa. Coloca-se no chão uma vara de uns 3 m de comprimento. Em cada extremidade fica um dançarino que realiza figurações e sapateados que devem ser copiados pelo adversário. Usam botas e grandes esporas que tilintam durante a dança. O vencedor é aquele que executa os passos de dança que o adversário não saiba reproduzir.





Carimbó - Mistura do ritmo indígena, com a vibração do batuque africano e alguns traços da expressão corporal característicos das danças portuguesas como os dedos castanholando na marcação certa do ritmo agitado. Dança de roda executada por uma dançarina solista que, após uma série de passos, cobre o parceiro com a saia. Típica da ilha de Marajó e do Pará, o nome deriva do tambor usado para acompanhamento.

Cantador - cantor itinerante que se exhibe, acompanhado de viola, nas ruas, feiras, quermesses e vaquejadas (rodeios) em cidade e regiões rurais do Nordeste, Leste e Centro do Brasil. Espécie de poeta popular, o cantador divulga versos próprios ou de outros autores populares. Conforme Luiz da Câmara Cascudo, “é um representante legítimo dos bardos e menestréis medievais, cantando a história dos homens famosos da região, os acontecimentos maiores, as aventuras de caçadas e de derrubadas de touros, enfrentando adversário em desafios que duram horas ou noites inteiras”.

A fama do cantador se consolida através dos desafios sendo os mais hábeis capazes de manter a peleja por horas, improvisando sem parar, até encurrular o adversário. Por isso, todo cantador é obviamente um repentista. Os gêneros poéticos mais utilizados são as obras (estrofes) de seis, sete ou oito pés (versos): o moirão, o martelo, o nove-por-seis, a ligeira, o quadrão, o gabinete, o galope, a embolada e o dez-pés-em quadrão.

Cabaçal – conjunto folclórico instrumental, o mesmo que terno-de-zabumba, comumente composto de dois zabumbas e dois pifes, popular em Pernambuco, Paraíba e Ceará. Segunda notas da Missão de Pesquisas Folclóricas, de São Paulo, que esteve no Norte e no Nordeste em 1938, “os dois pifes tocam a melodia em movimento paralelo em intervalos de terças, às vezes sextas e de passagem uma quinta; e os zabumbas marcam o o ritmo da melodia”. Ajuntam-se às vezes a esse conjunto um ganzá e um tamborim, sendo que um dos zabumbas também podem ser substituídos por um tarol.



Cantos de trabalho - cantigas que acompanhavam o trabalho, regulando e coordenando os movimentos do corpo. Quase todas as diferentes culturas humanas apresentam tipos de cantos de trabalho, que já foram reputados como origem primitiva da música. Há no Brasil grande variedade de cantos de trabalho, remontando a maioria ao período colonial, quando a mão-de-obra escrava foi amplamente empregado na lavoura, na mineração na zona urbana etc. Em geral trata-se de expressões musicais primárias e simples, constituídas por onomatopéias como ei! ai! ó! hum! - interjeições de estímulo e reforço.

O **aboio**, um dos mais conhecidos entre os cantos de trabalho, é o canto monocórdico, sem palavras, geralmente calcado na prolongação de vogais (oh! eh! ah!). São melodias lentas, improvisadas, que se estendem infinitas e melancólicas, como o canto dos varejeiros de barcos do rio São Francisco, dos comboieiros, dos trabalhadores das fainas agrícolas (batedores de arroz, por exemplo).

Os **pregões**, anúncios musicais feitos pelos vendedores de rua, também podem ser considerados próximos aos cantos de trabalho. A **peja**, realizada pelos trabalhadores de engenho,

Ciranda - Brincadeira de roda infantil cantada e dançada em diversas regiões do Brasil, de origem portuguesa, cantada também em rodas de adultos em Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Também chamada cirandinha.. De mãos dadas, todos se deslocam em círculo para os lados, para dentro e para fora, cantando ao mesmo tempo em que dançam.

INSTRUMENTOS DO FOLCLORE MUSICAL BRASILEIRO

- A palavra **rabeca** foi usada durante a idade média para designar um Rebab, instrumento de origem árabe. Posteriormente, passou a designar qualquer instrumento folclórico parecido com o violino de cultura popular. É um instrumento de arco, precursor do violino. De timbre mais baixo que o do violino, tem um som fanhoso e sentido como tristonho. É juntamente com a viola, um instrumento tradicional dos cantadores nordestinos.

No Brasil, encontramos a rabeca de norte a sul, confeccionada por artistas populares em comunidades rurais. Ela é tocada em manifestações populares e religiosas desde os remotos tempos da colonização brasileira. Sua construção, a afinação e a maneira de tocar mudam conforme a região de origem. Ultimamente a rabeca tem sido difundida por músicos populares que a trouxeram para os grandes centros urbanos.



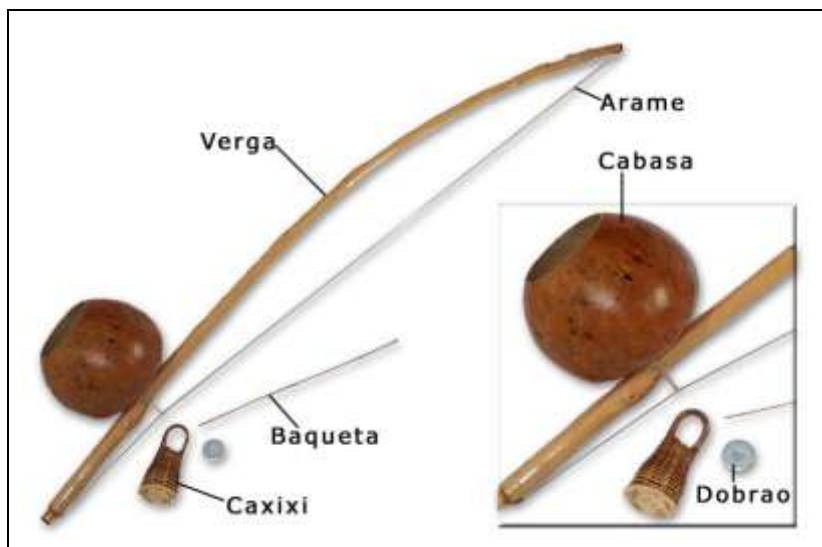
- A **viola caipira** chegou ao Brasil, no período da colonização, trazida pelos jesuítas e imigrantes portugueses. Roberto Nunes Correa, em seu livro *Viola Caipira*, nos informa que “No século XV, e sobretudo no século XVI, a viola já era um instrumento largamente difundido em Portugal, sendo considerada como o principal instrumento dos jograis e cantares trovadorescos.”



Instrumento menor que o violão, tem dez cordas, agrupada aos pares, e começando de baixo para cima. Os dois primeiros pares são afinados em “uníssonos” e os outros em “oitavas”. Há inúmeras lendas e narrativas sobre os violeiros e particularmente sobre a forma como eles afinam a viola. A modalidade Cebolão proviria do tradicional choro feminino, despertado com a música extraída da viola. A apuração Rio Abaixo provém da história de que era comum o Diabo – crê-se que os tocadores deste instrumento fazem um pacto

com ele – navegar pelos rios tangendo a viola neste tipo de afinação, atraindo as jovens e levando-as com ele. É o instrumento de acompanhamento mais difundido na música folclórica brasileira, presente em cantadores individuais, em danças dramáticas como o Reisado e a Chegança, a Catira etc.

- O **berimbau** é de origem angolana, feito com um arco de madeira (chamada biribá), e com um fio de arame preso nas duas extremidades desse arco. Uma cabaça com uma abertura em um dos lados é presa à parte inferior externa do arco, com um pedaço de corda. O instrumentista usa a mão esquerda para sustentar o conjunto e pratica um movimento de vai e vem contra o ventre, utilizando uma pedra ou uma moeda (dobrão) para pressionar o fio, percute a corda com uma varinha na mão direita. Os tons do berimbau são modificados pela aproximação e afastamento da cabaça em relação ao corpo do músico, assim abrindo ou fechando o buraco da cabaça. Também é conhecido por vários outros nomes como urucungo, uricungo, rucungo, gobo, marimbau, etc.



Estima-se que o arco musical tenha surgido por volta de 1500 A.C., e instrumentos derivados do arco foram encontrados nas mais diversas regiões do mundo. O berimbau é um elemento fundamental na capoeira, sendo reverenciado pelos capoeiristas antes de iniciarem um jogo. Alguns o consideram um instrumento sagrado. Ele comanda a roda de capoeira, dita o ritmo e o estilo de jogo. São dados nomes às variações de toques mais conhecidas, e quando se toca repetidamente um mesmo toque, diz-se que está jogando a capoeira daquele estilo. As variações mais comuns são "Angola" e "São Bento Grande".

- No Brasil, o **pífano** é tradicional no Nordeste, um instrumento cilíndrico com sete orifícios circulares, sendo um destinado ao sopro e os restantes aos dedos. Seus tocadores, na maioria, são pessoas humildes que transmitem a cultura do pífano pela tradição oral – tanto a confecção quanto o repertório, que em geral dispensa partitura, sendo tocado de ouvido. No Nordeste, ainda se encontram as tradicionais "bandas de pifanos", "bandas de pife cabaçal", "esquenta-mulher" ou "terno de zabumba", sendo compostas por dois pifanos carros-chefe, acompanhados em geral por um surdo, um tarol e um bombo ou zabumba, além de outros pifanos.



- A **cuíca** ou puíta (em Angola *pwita*) é um instrumento musical, semelhante a um tambor, com uma haste de madeira presa no centro da membrana de couro, pelo lado interno. O som é obtido friccionando a haste com um pedaço de tecido molhado e pressionando a parte externa da cuíca com o dedo, produzindo um som de ronco característico. Quanto mais perto do centro da cuíca a pele é apertada, mais agudo o som. Ligações podem ser traçadas a partes do nordeste africano,

assim como à península Ibérica. A cuíca era também chamada de "rugido de leão" ou de "tambor de fricção". Em suas primeiras encarnações era usada por caçadores para atrair leões com os rugidos que o instrumento pode produzir.

- O **agogô** ou gã é um instrumento musical formado por um único ou múltiplos sinos, originado da música tradicional yorubá da África Ocidental. A palavra "agogô" vem do yoruba e significa "sino", em português. Pode ser composto de duas ou três campânulas presas por uma haste de ferro, usado no candomblé, pertence ao Orixá Ogum, por isso é o primeiro instrumento que deve ser tocado nas liturgias dos cânticos. O agogô pode ser o instrumento mais antigo do samba.



- O **pandeiro** consiste numa pele esticada numa armação (aro) estreita, que não chega a constituir uma caixa de ressonância. Enfiadas em intervalos ao redor do aro, podem existir platinelas (soalhas) duplas de metal. Pode ser brandido para produzir som contínuo de entrechoque, ou percutido com a palma da mão e os dedos.



Em todas as grandes civilizações do passado, do Crescente Fértil ao Egípto, passando pela Grécia e Roma, o pandeiro aparece representado com vulgaridade especialmente em volta do Mediterrâneo. No Brasil, o pandeiro entrou por via portuguesa. Era usado para acompanhar as procissões religiosas, assim como ele fez parte da

primeira procissão que se realizou no Brasil, em 13 de junho de 1549 na Bahia (Corpus Christi). Quando surgiu o choro, no final do século XIX, o pandeiro veio dar o toque final ao ritmo marcante e brejeiro. É muito usado no samba, mas não se limitando a esse ritmo, sendo encontrado no baião, côco, maracatu e por isso, considerado por alguns o instrumento nacional do Brasil.

- **Reco-reco** (também raspador, caracaxá ou querequexé) é um termo genérico que indica os idiofones cujo som é produzido por raspagem. No Brasil, a forma mais comum é constituída de um gomo de bambu ou uma pequena ripa de madeira com talhos transversais. A raspagem de uma baqueta sobre os talhos produz o som. Outro tipo de reco-reco consiste numa caixa de metal com duas ou três molas de aço esticadas sobre o tampo, contra as quais é friccionada uma baqueta de metal.



• **Zabumba** - tambor confeccionado de pranchas de madeira coladas com veios alternados ou metal, no formato de caixas cilíndricas, de médias e grandes dimensões e sonoridade grave. Com seu som grave marca o tempo forte da música. Marca também o contratempo devido à sua vareta chamada bacalhau, que bate na pele inferior. O som da zabumba é característico de todos os ritmos nordestinos do gênero forró, sendo os principais baião, xaxado e xote. É também usado no ritmo nordestino coco.



Revelando São Paulo

Através do programa Revelando São Paulo a Abacai Cultura e Arte, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, vem reunindo há mais de uma década, uma amostragem significativa da cultura tradicional em São Paulo, dando a conhecer aos paulistas e ao Brasil, aspectos desconhecidos ou pouco divulgados da vida em São Paulo, refletindo o mais possível, nossa diversidade cultural, promovendo o encontro do rural com o urbano, do tradicional com a mídia. Nesse encontro, os “artistas”, os “sujeitos das ações”, são nossos congadeiros, moçambiqueiros, foliões do Divino e de Santos Reis, são gonçaleiros e catireiros, violeiros, romeiros, cavalarianos e artesãos de várias procedências de nosso Estado. E a parceria que se estabelece com as prefeituras para sua realização tem feito estreitar os vínculos das administrações locais com as expressões culturais mais espontâneas de suas regiões, fazendo o intercâmbio e a interação entre os grupos nas festas, fato tímido até então.

Além do Festival da Cultura Paulista Tradicional realizado na cidade de São Paulo, este programa desenvolve outros dois festivais regionais, que dão conta das peculiaridades da cultura tradicional nas regiões do Vale do Paraíba e do Vale do Ribeira, Região Alta Mogiana, Região Bragantina e Bauru.

Site oficial: <http://www.abacai.org.br/revelando.php>